O PAPEL DE ATIVIDADE ANALISADO EM REDE SOCIAL

ROBERTA FERNANDES PACHECO¹
RANIELE EVELING DE REZENDE²
BRUNA CAROLINA DE MELO SOUZA³

Faculdade de Letras – Universidade Federal de Juiz de Fora.
Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Campus Universitário - Bairro São Pedro –
CEP: 36036-900 – Juiz de Fora – MG – Brasil

robertafepacheco@gmail.com , rani.eveling@hotmail.com ,
brunacmsouza30@gmail.com

Resumo. *Este artigo busca analisar como as atribuições discursivas do Papel de Atividade são avaliadas pela audiência de uma edição do programa Roda Viva, através dos comentários realizados na página do Facebook do programa, em sua transmissão ao vivo. A edição selecionada teve como entrevistado o então candidato à Presidência Jair Bolsonaro, em 30/07/2018. Baseado em um estudo de abordagem qualitativa de análise, este trabalho se baseia em Sarangi (2010, 2011) e Pacheco (2018a, 2018b, 2019) na discussão de Papel de Atividade e em Coupland et al. (1990) nos estudos sobre metas e expectativas interacionais. A análise permitiu observar que o usuário do Facebook avalia negativamente a realização das atribuições discursivas dos papéis de atividade em análise, evidenciando que a expectativa interacional do encontro não foi atendida, na avaliação da audiência.*

Palavras-chave: *papel de atividade; meta interacional; rede social.*

Abstract. *This paper aims to analyze how the discursive attributions of the Activity Role are evaluated by the audience of an edition of Roda Viva Tv Show, through the comments made on the program's Facebook page, during live broadcast. The selected edition interviewed the then presidential candidate Jair Bolsonaro, 7/30/2018. Based on a study of qualitative approach to analysis, this work is based on Sarangi (2010, 2011) and Pacheco (2018a, 2018b, 2019) about the conceptualization of Activity Role and Coupland et al. (1990) in the studies about goals and interactional expectations. The analysis showed that Facebook users negatively evaluate the performance of the discursive attributions from activities roles under analysis, evidencing that the interaction expectation of the encounter was not attended, in the evaluation of the audience.*

Keywords: *activity role; interactional goal; social network.*

¹ Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) / MG.

² Bolsista de Iniciação Científica da Faculdade de Letras da UFJF.

³ Bolsista de Iniciação Científica da Faculdade de Letras da UFJF.

INTRODUÇÃO

Baseado em um estudo de abordagem qualitativa de análise, este artigo busca analisar como as atribuições discursivas do Papel de Atividade são avaliadas pelos usuários do Facebook, em seus comentários, na entrevista com o então candidato à presidência Jair Bolsonaro no programa Roda Viva, transmitido ao vivo na página do programa na rede.

Assumimos por papel de atividade a teorização de Sarangi (2010, 2011) que o conceitua como sendo o construto caracterizador do tipo de atividade em análise, que não só a caracteriza, mas também é dependente dela. O papel de atividade se relaciona diretamente com as atribuições discursivas dos interagentes, visto que “é definido em relação aos outros participantes” (SARANGI, 2011, p. 8), o que significa que em uma interação sempre vai haver mais de um papel de atividade envolvido.

Sendo o programa Roda Viva considerado uma atividade híbrida (PACHECO, 2019), em que o padrão interacional de uma entrevista atua concomitantemente com o padrão interacional do formato debate, a manifestação dos papéis de atividade gira em torno desses dois padrões interacionais, alcançando o número de cinco papéis manifestados no encontro: entrevistador, entrevistado, debatedor, mediador e apresentador. Desses cinco, três são o alvo dos comentários na rede social, e, por isso, serão os analisados aqui: entrevistador, entrevistado e debatedor.

Os comentários dos *facebookers*⁴ são centrados na expectativa interacional do encontro que envolvem as metas interacionais (TRACY e COUPLAND, 1990) estabelecidas *a priori* ou no curso da interação. Essas metas guiam a percepção da audiência sobre o desempenho dos papéis de atividade dos participantes e suas ações discursivas, o que faz com que avaliações positivas e negativas sejam atribuídas ao longo do programa ao vivo.

Esperamos com esse trabalho contribuir para os estudos da Linguagem, intensificando as discussões teóricas sobre papel de atividade como construto teórico e metodológico de análise. Além disso, pretendemos também possibilitar um olhar mais direcionado ao amplo campo de pesquisa que as redes sociais proporcionam, ainda relativamente escasso nos estudos da área.

O PAPEL DE ATIVIDADE

Por papel de atividade, seguimos o proposto por Sarangi (2010) ao defini-lo como aquele “que é dependente do tipo de atividade na qual o indivíduo está participando e é geralmente definido em relação aos outros participantes” (SARANGI, 2011, p. 8). Sendo assim, o papel de atividade caracteriza a atividade em curso e se relaciona diretamente com as atribuições discursivas dos participantes em interação.

⁴ O termo *facebook* é um empréstimo da língua inglesa utilizado aqui para facilitar a leitura, intercalando-o com o termo traduzido em língua portuguesa: usuários do Facebook. Não há nos estudos da Linguística no Brasil uma teorização sobre o melhor termo a ser usado para a definição dessa categoria de usuários da internet, até mesmo porque os estudos voltados a esse *corpus* ainda não representam uma parcela significativa.

Para analisar o papel de atividade é preciso, inicialmente, delimitar o que entendemos por atividade. Consideramos a atividade como a unidade de análise norteadora das ações discursivas, entendida como a caracterização dos contextos situacionais em que as interações ocorrem.

O conceito de tipo de atividade, proposto por Levinson ([1979] 1992) para dar conta do contexto situacional de fala, ganhou amplo espaço nos estudos da Sociolinguística Interacional de Gumperz ([1982] 1998). O autor utiliza o termo para designar a unidade básica de interação socialmente relevante em torno da qual as interpretações são construídas:

O termo atividade não é usado para representar uma estrutura estática, mas para refletir um processo dinâmico que se desenvolve e sofre alterações na medida em que os participantes interagem. O tipo de atividade não determina o significado, mas simplesmente restringe as interpretações, canalizando as inferências de forma a *ressaltar* ou tornar relevantes certos aspectos do conhecimento prévio e de forma a diminuir a importância de outros. (GUMPERZ, [1982] 1998, p.99)

O tipo de atividade, então, é a definição de uma atividade reconhecida culturalmente pelos participantes envolvidos, socialmente constituída, o que delimita as expectativas interacionais do encontro. Essas expectativas envolvem as metas interacionais, que segundo pontuam Tracy e Coupland (1990) – em um panorama teórico sobre os estudos das metas interacionais – há uma inter-relação entre meta e discurso, o que faz com que os interagentes reconheçam que há mais de uma meta a ser alcançada em cada situação interacional. Coupland et al. (1990) concebem as metas em escalas graduais, do nível mais baixo ao mais alto, considerando a força ilocucionária das ações que envolvem essas metas:

no nível mais baixo as metas podem ser direcionadas para funções comunicativas específicas – fazer uma reivindicação, desafiar um julgamento, elogiar, repreender. Nesse nível, o nível do ato de fala (SEARLE, 1969, 1979), é provável que metas emergam para os interagentes à medida em que eles falam ao invés de serem dadas *a priori*.

No nível mais alto, as metas são para os resultados interacionais – vencer um argumento, receber apoio, confortar o outro, fazer com que algum desejo seja cumprido. Metas nesse nível são, provavelmente, mais fáceis de serem identificadas pré-interacionalmente. (TRACY E COUPLAND, 1990, p. 6)

Nessa separação gradual de metas, os autores reconhecem que as metas interacionais podem ser estabelecidas *a priori* ou surgirem no curso da interação. Essas metas previamente estabelecidas envolvem a expectativa interacional do encontro, ou seja, os interagentes esperam, culturalmente, determinadas ações discursivas em cada interação estabelecida ao longo de suas vidas.

A expectativa interacional do encontro se relaciona diretamente com o papel de atividade, visto que tanto as metas interacionais quanto os papéis de atividade podem ser estabelecidos *a priori* da interação ou surgirem no curso dela. Por exemplo, em uma

entrevista, há pelo menos dois papéis de atividade dados *a priori*: o entrevistador e o entrevistado. De forma semelhante, a expectativa interacional dessa atividade pressupõe que as metas interacionais girem em torno de obter informações sobre determinado assunto da área do entrevistado. Contudo, é possível que outras metas interacionais e outros papéis de atividade surjam ao longo do encontro.

A definição do papel de atividade gira em torno de dois cerne bi-direcionais: (1) ele é dependente da atividade ao mesmo tempo que a caracteriza – como no exemplo da entrevista acima; (2) ele é definido na relação com os outros participantes (se há um entrevistado, é necessário ter um entrevistador) e entre as atribuições discursivas dos interagentes – o entrevistador realiza perguntas, enquanto o entrevistado as responde.

Como o papel de atividade é dependente da atividade, se faz necessário identificar o tipo de atividade ao analisar esse papel. Segundo Sarangi (2000, 2011), definir o tipo de atividade não é um processo fácil, uma vez que “todo tipo de atividade é híbrido e esse hibridismo é também manifestado em outros níveis, especialmente em termos dos tipos de discursos” (SARANGI, 2011, p. 22). O autor propõe o conceito de hibridismo interacional (SARANGI, 2000), considerando que um tipo de atividade pode ser constituído por diversos tipos de discurso.

A teoria de hibridismo interacional é explorada também em outros trabalhos como o de Pacheco (2018a), em sua análise da dinamicidade de papéis e posições, tendo como unidade de análise o programa Roda Viva. A autora comprova que o programa é caracterizado como uma atividade híbrida (PACHECO, 2019), em que dois padrões interacionais atuam concomitantemente: (1) pergunta e resposta – entrevista – e (2) apresentação de ponto de vista e contestação do ponto de vista – debate, classificando-o como uma entrevista-debate.

Esses dois padrões interacionais atuantes no Roda Viva possibilitam que outros papéis de atividade, além de entrevistador e entrevistado, surjam na interação ou sejam estabelecidos *a priori*, como o apresentador do programa ou o debatedor, por exemplo.

Segundo Pacheco (2018a), o programa Roda Viva apresenta cinco papéis de atividade: apresentador, mediador, entrevistador, debatedor e entrevistado:

Os papéis de entrevistador e debatedor dão o teor híbrido da atividade, pois se movimentam dinamicamente na interação. Os papéis de mediador e apresentador são desempenhados por apenas um participante em cada programa e desempenham papéis discursivos mais hierárquicos no encontro, se comparados com os dois primeiros – entrevistador e debatedor – em uma relação assimétrica de poder, em que seus comandos orientam os outros participantes. (PACHECO, 2018a, p. 14-15)

Dessa forma, podemos afirmar que todos os entrevistadores também exercem o papel de debatedores, assim como os papéis de apresentador, de mediador, debatedor e entrevistador são ocupados por uma única pessoa.

Nesse artigo, então, manteremos o foco sobre três papéis de atividade manifestados durante o programa: o papel de entrevistador, o papel de debatedor e o papel

de entrevistado. Em nossa coleta de dados, esses três papéis são os que se manifestam nos comentários dos *facebookers*, sendo por eles percebidos e analisados.

ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Baseado em um estudo de abordagem qualitativa de análise, esse artigo utiliza os dados da página do programa Roda Viva no Facebook, centrando-se nos comentários postados do dia 30 de julho de 2018, quando foi feita a transmissão ao vivo, na rede, da entrevista com o então candidato à presidência Jair Messias Bolsonaro.

Como rede social, o Facebook conta com 127 milhões de usuários ativos no Brasil e é a plataforma mais utilizada pelos brasileiros para entretenimento e informação, sendo o país um dos cinco maiores mercados da companhia⁵. Como discute Recuero (2009), a rede social configura-se como um agrupamento complexo instituído por interações sociais, apoiadas em tecnologias digitais de comunicação, que vem amplificando a conexão dos indivíduos e a disseminação de informações.

Essa apropriação das redes sociais por parte dos usuários faz com que a produção compartilhada de conteúdo seja cada vez mais utilizada e requerida pelas próprias produtoras e emissoras de televisão. As transmissões ao vivo na rede de programas exibidos, anteriormente, somente pela televisão, geraram um novo campo de possibilidades para atrair o público e fazê-lo produzir, compartilhar e interagir com o conteúdo emitido através das redes sociais. De acordo com Castro (2013), “A transformação do receptor em usuário de mídia favorece modos de interação. A constituição do espectador internauta faz parte das atuais estratégias midiáticas”. (CASTRO, 2013, p. 123). E são essas estratégias que tendem a engajar cada vez mais os usuários a interagir com a programação através das redes sociais.

O PROGRAMA

Em exibição desde 1986, o Roda Viva é considerado como “um espaço plural para a apresentação de ideias, conceitos e análises sobre temas de interesse da população, sob o ponto de vista de personalidades notórias. Há mais de 30 anos no ar, o programa se apresenta como um marco no debate democrático e reflexivo em torno de temas e ideias, caracterizando-se como um dos mais importantes programas de entrevistas da televisão brasileira”⁶. Nesse sentido, a escolha do programa se deu devido a sua relevância no cenário midiático e na televisão brasileira por sua proposta abrangente de temas e ideias.

Em suas edições, o programa aborda diversos temas sociais, políticos, culturais e econômicos. Em um cenário em formato de arena, o centro da roda é ocupado, a cada programa, por uma personalidade relevante no cenário nacional ou internacional. Jornalistas dos principais veículos da imprensa brasileira e especialistas das áreas em comum ao entrevistado o cercam elaborando perguntas e discutindo sobre assuntos e questões referentes ao tema.

⁵Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>

⁶ É possível ler sobre essa apresentação na página <http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva>

O Roda Viva é transmitido pela TV Cultura de São Paulo às segundas-feiras, às 22h15, sendo possível acompanhá-lo também *on line*, ou através de gravações disponibilizadas em mídias sociais do próprio programa como Youtube e Facebook.

O CORPUS

Foram coletadas 1.308 postagens na categoria *comentários mais relevantes*⁷ do Facebook. Desse total, 1.126 comentavam a atuação dos papéis de atividade manifestados no encontro. Os comentários que não se referiam aos papéis de atividade manifestados no encontro foram descartados.

A entrevista com o então candidato Jair Bolsonaro faz parte de uma série de edições do programa nas quais foram entrevistados pré-candidatos à Presidência da República. As entrevistas começaram a ser exibidas no mês de maio de 2018 e ao todo somaram-se 10 edições. De acordo com o site da TV Cultura, a série alcançou “números expressivos no ambiente digital, com cerca de 16,2 milhões de visualizações nas redes sociais”.

No Facebook, destaca-se a entrevista de Jair Bolsonaro com 3.574.957 visualizações e alcance superior a nove milhões de pessoas. Além disso, a edição também ocupou o primeiro lugar nos vídeos em alta na rede. No Twitter, seis das dez edições levaram a hashtag #RodaViva aos Assuntos Mais Comentados do Mundo (Trending Topics Worldwide). Entre essas seis, a edição de Jair Bolsonaro ocupou o primeiro lugar no ranking global e figurou na lista de principais assuntos no Brasil. A grande audiência e repercussão dessa edição foram relevantes para sua escolha como objeto de análise.

A entrevista com Bolsonaro teve como apresentador o jornalista Ricardo Lessa, que integra a equipe do programa desde abril de 2018. O jornalista também exerceu o papel de mediador do encontro. Além de Ricardo Lessa, outros cinco jornalistas compuseram a bancada do programa: (1) Daniela Lima, editora do Painel da *Folha de São Paulo*; (2) Thaís Oyama, redatora-chefe da revista *Veja*; (3) Maria Cristina Fernandes, colunista do jornal *Valor Econômico*; (4) Leonêncio Nossa, repórter especial do jornal *O Estado de São Paulo* e (5) Bernardo Mello Franco, colunista do jornal *O Globo*.

ANÁLISE DOS DADOS

Como já mencionado, nossa análise teve como dados 1.126 postagens dos usuários do Facebook relativas à entrevista do então presidenciável Jair Bolsonaro. As postagens coletadas são centradas em comentários relativos a três papéis de atividade: o entrevistado, o entrevistador e o debatedor.

Essas 1.126 postagens foram categorizadas de acordo com as avaliações feitas a cada papel, o que significa que uma única postagem pode se referir a mais de um papel. Dessa forma, obtivemos 967 comentários relacionados ao entrevistador, 278 comentários ao entrevistado e 242 ao debatedor. O gráfico a seguir apresenta a porcentagem obtida

⁷ De acordo com o site oficial do Facebook, os comentários mais relevantes referem-se aos comentários de amigos e aqueles com mais visualizações, reações e respostas.

por cada papel de atividade, considerando o montante total de comentários, repetidos ou não:

Cabe ratificar que a soma dos três papéis acima ultrapassa os 100% devido ao fato de que cada postagem pode se referir a mais de um papel de atividade, como explicado anteriormente. Exemplifiquemos abaixo:

- (1) ⁸***** *Jornalistas fazendo perguntas sobre assuntos que em nada contribuem para uma sabatina com conteúdo de teor ao presidencial. Bolsonaro está saindo melhor que eles.*

O comentário acima refere-se aos três papéis de atividade em destaque e por isso foi categorizado nos três tipos. No trecho “Bolsonaro está saindo melhor que eles” faz uma referência direta ao desempenho do papel de atividade do entrevistado no encontro, avaliando-o positivamente em relação ao desempenho dos demais participantes do programa. Por outro lado, a expectativa interacional envolvida no desempenho do papel do entrevistador não está sendo cumprida, já que não há, segundo a avaliação, perguntas pertinentes sendo realizadas, e, portanto, uma avaliação negativa é proferida. O papel do debatedor também é avaliado negativamente, já que a “sabatina” não está sendo bem desenvolvida.

Já o seguinte comentário foi atribuído a dois tipos de papéis: o entrevistador e o debatedor.

- (2) ***** *Roda Viva parabéns por fazer um debate que não está acrescentando em nada! Deveriam ao menos pensar em perguntas inteligentes que auxiliassem os eleitores!*

⁸ Os comentários aqui apresentados foram retirados das postagens da forma como foram escritos, sem correções ortográficas. As identificações do *facebook* foram retiradas por questão de privacidade.

No exemplo acima, há uma referência direta ao papel do debatedor, avaliando-o negativamente, visto que está realizando “um debate que não está acrescentando em nada!”. Há também uma avaliação negativa sobre o teor das perguntas realizadas pelos entrevistadores: “Deveriam ao menos pensar em perguntas inteligentes que auxiliassem os eleitores!”.

O papel do entrevistador, dentre os três, possui os números mais expressivos, chegando a 86% do total de comentários. Essa proeminência, à nossa análise, relaciona-se ao fato de que o papel de entrevistador associa-se a uma meta interacional mais alta, mais provável de ser estabelecida *a priori* (TRACY e COUPLAND, 1990) e que, portanto, é reconhecida mais facilmente pela audiência que tem o conhecimento prévio de que em uma entrevista – que é a forma como o programa se apresenta para o público – o entrevistador deve fazer perguntas e essas devem ser pertinentes ao entrevistado. As avaliações feitas pelos *facebookers* ao entrevistador dizem respeito a como essa audiência concebe esse papel e analisa positivamente ou negativamente seu desempenho de acordo com as atribuições discursivas associadas a ele. Os exemplos a seguir ilustram essa temática:

- (3) ***** *Os jornalistas são da Veja, Estadão, Folha de São Paulo e Valor Econômico, mas estão perguntando o que todos gostariam de saber. Parabéns !!!!*
- (4) ***** *Wikipédia citada por um entrevistador? Tds sabemos que lá é aberto a qualquer um e pode ser modificado ou completado com verdades ou inverdades. Que vexame, creede!*
- (5) ***** *Não perguntam nada que interesse ao eleitor. Não tenho candidato definido mas gostaria de saber sobre programa de governo, projetos...*
- (6) ***** *Ninguém pergunta sobre economia atual? Os reportes estão literalmente preso no passado, como vai ser a politica de preço do combustível, isso seria uma ótima pergunta para esclarecimento.*
- (7) ***** *Isso não é uma entrevista!!! Estao desenterrando defunto! !! Alguém por favor fazem uma pergunta sobre o que ele pretende fazer pelo Brasil! ! Esse é o objetivo!!! Ou estou errada!!!?*

Os comentários acima nos dão um panorama interessante sobre as atribuições discursivas do papel do entrevistador, avaliadas em rede social. Com exceção do exemplo (3), em que o usuário do Facebook avalia positivamente o papel do entrevistador – “parabéns!” –, todos os outros exemplos acima fazem alguma crítica negativa ao desempenho desse papel de atividade.

O comentário (4) deixa claro que o papel em questão é envolto por atribuições pré-determinadas, que giram em torno não só de realizações de perguntas, mas de embasá-las em fontes confiáveis: “Wikipédia citada por um entrevistador?” “Que vexame,

creedo!”. Essa atribuição discursiva é avaliada pelo comentarista, que atribui uma falha na competência do entrevistador.

Grande parte dos comentários relativos aos entrevistadores dizem respeito ao teor e direcionamento das perguntas proferidas, como exemplificado em “Não perguntam nada que interesse ao eleitor” – (5) –, “Alguém por favor fazem uma pergunta sobre o que ele pretende fazer pelo Brasil!” – (7) – e “Ninguém pergunta sobre economia atual?” – (6) –. Esses comentários revelam uma crítica negativa à agenda tópica do programa, que deveria, segundo o *facebooker*, apresentar temas relevantes a um presidencial, como “programa de governo, projetos...” – (5) –. Essa quebra de expectativa com a agenda tópica acaba fazendo com que a audiência duvide de que a meta interacional da atividade tenha sido alcançada: “Isso não é uma entrevista” – (7) –, além de refletir diretamente na capacidade profissional do entrevistador.

O papel do debatedor também se apresenta de forma interessante nos dados, porque a diferença em termos quantitativos entre as avaliações dos usuários do Facebook relacionadas aos papéis de entrevistador (86%) e debatedor (22%) retrata o não reconhecimento da atividade híbrida, em que o entrevistador também manifesta o papel de debatedor. Portanto, muitos comentários que deveriam ser dirigidos ao debatedor acabam sendo direcionados ao entrevistador, mencionando, por exemplo, o teor das perguntas. Note os exemplos abaixo:

- (8) ****** Jornalistas bem tendenciosos, só fazem perguntas pra colocar ele na parede. Deviam perguntar sobre o governo que ele quer propôr.*
- (9) ******Jornalistas não foram para uma entrevista, mas para um campo de concentração. Visivelmente pressionando o entrevistado. Programa que pouco ajudou ao eleitor e mostrou uma mídia tendenciosa.*
- (10) ******Parece o tribunal da inquisição e não uma entrevista. Ficou ridiculamente notório que vcs não querem deixá-lo falar sobre seu programa de campanha!*
- (11) ******Não fazem perguntas que importem para o desenvolvimento do Brasil. Só querem emparedar o entrevistado. Mas não vão conseguir.*

Aqui fica claro como os dois papéis são intercalados interacionalmente, mas o comentarista só explicita o papel do entrevistador, mencionando o teor das perguntas e caracterizando o programa como uma entrevista – (9) e (10) –, o que requer um entrevistador e não, necessariamente, um debatedor. A insatisfação do usuário do Facebook perpassa a sua não percepção que “ao colocar ele na parede” – (8) –, o “jornalista tendencioso” – (8) –, assim como a “mídia tendenciosa” – (9) –, está manifestando o papel de atividade do debatedor, instigando o conflito.

A insistente afirmação de que os entrevistadores “não foram para uma entrevista” e a categorização de que aquela atividade “parece o tribunal da inquisição” – (10) – e “um campo de concentração” – (9) – corroboram com as evidências de que o programa apesar

de se constituir como atividade híbrida não é reconhecido como tal pelo *facebooker*. O interesse por parte da audiência “nas perguntas que importam” – (11) – mostra uma expectativa criada em relação ao padrão interacional pergunta-resposta, desconsiderando o padrão interacional apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista, característico do debate.

Dos comentários categorizados como relativos ao debatedor, somente 4,61% do total referem-se somente ao papel de debatedor, ou seja, os outros comentários dessa categoria também se referem aos outros papéis. Vejamos:

- (12) ***** *Perdemos a chance de ter um debate de verdade mostrando as propostas do candidato. Lamentável.*
- (13) ***** *Brasil cheio de problema precisando ser debatido e soh falavam das coisas q ele disse no passado.. vergonhoso*
- (14) ***** *Tudo bem explicadinho , ótimo debate, muito bom, Bolsonaro.*

Nos três comentários acima, há uma referência explícita ao debate e ao papel do debatedor. Nos dois primeiros, a avaliação negativa novamente se dirige à agenda tópica do programa; o comentário (14) apresenta uma avaliação positiva, inclusive fazendo referência ao papel do entrevistado, como participante do debate.

A última categoria de papel de atividade para a análise é o papel do entrevistado. Vejamos alguns exemplos retirados do *corpus*:

- (15) ***** *Só fala batendo nos outros, não sabe responder uma pergunta técnica.*
- (16) ***** *esse cara nao responde uma pergunta, desvia a conversa de tudo.*
- (17) ***** *Foi numa autoria lá na..... bla bla bla. Fala mt e desvia do assunto. Responde às perguntas, sr!!!!*
- (18) ***** *Bolsonaro é o único presidencialável que realmente responde as perguntas com muita propriedade!*

Todos os comentários acima reconhecem a atribuição discursiva do papel de atividade do entrevistado: responder as perguntas. Os três primeiros comentários evidenciam que os *facebookers* consideram que as perguntas proferidas não foram respondidas, ou seja, o entrevistado não desempenhou bem o seu papel. O comentário (18), diferentemente dos anteriores, avalia positivamente o desempenho do entrevistado. Interessante notar que os comentários evidenciam a expectativa da audiência em relação às configurações pré-determinadas do encontro, isto é, da mesma forma que os usuários do Facebook revelam uma insatisfação com a agenda tópica do programa, como já

analisado, o entrevistado é também avaliado de acordo com o que os *facebookers* esperam de um presidenciável: responder as perguntas “técnicas” – (15) – e “com muita propriedade” – (18) –.

A maioria dos comentários do *corpus* avaliam negativamente o papel de atividade desempenhado pelos participantes: o papel do entrevistador possui 92% de comentários negativos, o entrevistado pontua 73% e o debatedor 96%. Essa porcentagem significativa de avaliações negativas pode estar relacionada à própria configuração das redes sociais. Segundo Cabral (2019), o Facebook configura-se como um ambiente propício a discussão polêmica, em que os usuários defendem pontos de vista, muitos deles divergentes, preponderando interações muito mais conflituosas que harmoniosas. Aspectos como poder esconder-se por detrás da máquina e também atrás de identidades falsas cancelam aos usuários das redes sociais maior liberdade para expor pontos de vista controversos.

Um último ponto de análise a ser destacado é o aspecto irônico presente em alguns comentários dirigidos aos papéis de atividade:

- (19) ***** *Gente, adorei esse novo filme do Shrek que ta passando na TV cultura. Alguem sabe se o Burro que ta sendo entrevistado consegue responder alguma pergunta até o final?*
- (20) ***** *façam perguntas sobre História do Brasil ao candidato Bolsonaro, já que ele é muito nacionalista e patriota. Vamos ver se ele entende alguma coisa de História do Brasil.*
- (21) ***** *Que jornalista ficou responsável por falar do caso da senhorinha que foi xingada de gorda quando o candidato ainda era criança? Aproveitem! Já que é futilidade, vamos lá!*

No exemplo (19) podemos ver como a ironia é usada para criticar o entrevistado em seu papel de atividade ao compará-lo com um personagem do cinema, criando uma ambiguidade com o animal “burro”, que popularmente não é conhecido pela sua inteligência, questionando assim a capacidade do entrevistado em responder as perguntas. O mesmo aspecto irônico direcionado a esse papel de atividade é exemplificado no exemplo (20), quando o comentário critica o posicionamento autodeclarado do entrevistado como patriota e nacionalista. Já o (21) ironiza os entrevistadores e sua agenda tópica.

A ironia, então, pode ser considerada como uma ferramenta avaliativa, usada pelos *facebookers* em seus comentários. De acordo com Marques (2016), é necessário compreender o tipo de interação dos quais os acontecimentos irônicos emergem para que ao percebermos suas engrenagens discursivas e composicionais, consigamos relacioná-las ao fenômeno irônico, “compreendendo até mesmo as especificidades que esse fenômeno adquire em razão das configurações dessa interação” (MARQUES, 2016, p. 68).

Dessa forma, se faz necessário entender como as configurações da rede social permitem que surjam com muita facilidade os acontecimentos irônicos, muitos deles extremamente ofensivos como “Alguem sabe se o Burro que ta sendo entrevistado

consegue responder alguma pergunta até o final?” – (19) –. Como rede social, o Facebook é um ambiente onde o usuário tem a falsa sensação de individualidade, uma vez que não há contato direto com seu interlocutor, o que lhe dá a sensação de que *tudo* pode ser dito, respondido e/ou compartilhado sem esperar consequências mais sérias além das respostas também virtuais e ofensivas muitas vezes.

Grande parte dos comentários, sejam irônicos ou não, evidenciam que os *facebookers* não consideram que as metas interacionais do encontro foram alcançadas. Para Tracy e Coupland (1990), as metas e o discurso são concebidos como conceitos intrínsecos, isto é, as metas interacionais delimitam o discurso, assim como o discurso se desenvolve em torno das metas interacionais.

Então, é possível afirmar que para a maioria dos comentários dos *facebookers*, analisados aqui, o discurso interacional do encontro não alcançou as metas desejadas pela audiência, havendo uma quebra de expectativa sobre o que era esperado, em termos de atribuições discursivas dos papéis manifestados, e o que de fato foi desenvolvido. É essa quebra de expectativa que leva o usuário do Facebook a gerar comentários negativos, muitos deles realizados através da ironia e/ou de palavras/expressões ofensivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo proposto de analisar como as atribuições discursivas dos papéis de atividade manifestados na entrevista com Jair Bolsonaro no programa *Roda Viva* são avaliadas pelos *facebookers*, através dos comentários na página do programa na rede, esse artigo salientou que as avaliações de aspecto negativo são significativamente superiores aos comentários positivos.

Essa análise significa que o usuário do Facebook avalia que as atribuições discursivas dos papéis de atividade em questão não estão sendo realizadas de acordo com as metas interacionais estabelecidas *a priori* ou desenvolvidas no curso da interação, ou seja, na visão do *facebooker*, o entrevistador não realiza perguntas pertinentes como deveria, o entrevistado não as responde com propriedade e o debatedor não contribui com um debate de qualidade, que envolva as propostas de governo, determinantes para a votação nas urnas.

Dos três papéis de atividade em análise, fica claro que a audiência reconhece mais facilmente os papéis dados *a priori* – entrevistador e entrevistado – e não reconhece a atividade como híbrida, criticando a agenda tópica do programa e as perguntas que levam a uma “sabatina” e “colocam o entrevistado na parede”, desconsiderando que essas metas interacionais formatam o aspecto debate, caracterizador da atividade.

Cabe ressaltar, por fim, que o papel de atividade analisado sob a ótica da rede social permite que novas possibilidades de estudo sejam abertas, uma vez que diversos fatores, não analisados aqui, podem estar relacionados com as avaliações proferidas, como (a) as opiniões pessoais envolvidas em predisposições políticas e sociais relativas aos interagentes e (b) o fato de um comentário viralizar em rede social e trazer retorno financeiro e de status para quem o emite.

Com a crescente popularização das transmissões ao vivo (*on line*) e a possibilidade de os usuários das redes sociais assistirem e comentarem suas percepções e análises em tempo real, há uma mudança na forma de conceber a comunicação e consequentemente a avaliação sobre o que é comunicado. Os estudos linguísticos aumentam seu interesse a cada dia sobre essas novas formas de comunicação em tempo real. Com isso, a rede social se mostra como um amplo campo de possibilidades de estudo para o papel de atividade e o tipo de atividade em si, em sua complexa definição teórica e metodológica de análise.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, Ana Lúcia. Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no Facebook. **Calidoscópio**, v. 17, n. 3, p. 416-432, 2019.
- CASTRO, Gisela. **O espectador-internauta: desafios em tempos de transição**. Logos (UERJ. Impresso), v. 20, p. 122-134, 2013.
- COUPLAND, Nikolas; COUPLAND, Justine; GILES, Howard; HENWOOD, Karen. Intergenerational talk: Goal consonance and intergroup dissonance. In.: TRACY, Karen. (ed.). **Understanding Face-to-Face Interaction: Issues Linking Goals and Discourse**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1991, p. 79-100.
- GUMPERZ, John. Convenções de Contextualização. In.: RIBEIRO, Branca; GARCEZ, Pedro (org). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso**. Porto Alegre: AGE, [1982] 1998, p. 98-119.
- LEVINSON, Stephen. Activity types and language. In.: DREW, Paul; HERITAGE, John. (eds). **Talk at work: Interaction in institutional settings**. Cambridge University Press, [1979], 1992, p. 66-100.
- MARQUES, Girllayne. **Recursos de ironia em interações digitais: um estudo do gênero compartilhamento de notícias**. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- PACHECO, Roberta. A dinamicidade de papéis e posições em uma entrevista-debate. **Revista Recorte**, v. 15, n. 2, p. 1-20, 2018a.
- PACHECO, Roberta. A conceptualização de *papel*: uma revisão teórica. **Estudos da Língua(gem)**, v. 16, n.2, p. 69-80, 2018b.
- PACHECO, Roberta. *Entrevista-debate*: características de uma atividade interacional híbrida. **Veredas – Revista de Estudos Linguísticos**, v. 2, n. 23, p. 33-52, 2019.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SARANGI, Srikant. Reconfiguring Self/Identity/Status/Role: The Case of Professional Role Performance in Healthcare Encounters. **Journal of Applied Linguistics and Professional Practice**. p. 75–95, 2010.
- SARANGI, Srikant. Role hybridity in professional practice. In.: SARANGI, Srikant; POLESE, Vanda.; CALIENDO, Giuditta. (Eds.) **Genre(s) on the Move: Hybridisation and Discourse Change in Specialised Communication**. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane (ESI), 2011.
- TRACY, Karen; COUPLAND, Nikolas. Multiple Goals in Discourse: an overview of issues. **Journal of Language and Social Psychology**. Vol 9, nºs 1-2, 1990.

Artigo recebido em: set. de 2019.

Aprovado e revisado em: mar. de 2020.

Publicado em: julho de 2020.

Para citar este texto:

PACHECO, Roberta Fernandes; REZENDE, Raniele Eveling de; SOUZA, Bruna Carolina de Melo. O Papel de Atividade Analisado em Rede Social. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 21, p. 81-94, jan. - jun. 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol21pagina81a94>